

MULHERES AFRICANAS E O EMPODERAMENTO SOCIAL

Patrícia Garcia Carvalho

A inserção social da mulher na sociedade, o exercício da cidadania, a liderança comunitária, a assunção de cargos de liderança no ambiente empresarial, as diferenças salariais, as lideranças políticas, ou seja, o empoderamento social feminino vem sendo alvo de reflexões e inquietudes desde a Revolução Industrial no Século XIX.

Desde o ano de 2015 quando me aproximei do trabalho da Intercons no continente africano comecei a me perguntar sobre a mulher na cultura africana, mas antes de me envolver na leitura de livros e artigos a esse respeito, deparei-me com Wangari Maathai, a autora do livro: *Inabalável*, queniana, bióloga, professora, ativista política, primeira mulher a ser doutora no continente africano, ganhadora do *Right Livelihood Award* (Prêmio da Sustentabilidade) em 1986, ganhadora do prêmio Nobel da Paz (2004) e criadora de um dos maiores projetos socioambientais do planeta, o projeto Cinturão Verde (*Green Belt Movement* - <http://www.afreaka.com.br/wangari-maathai-e-o-movimento-do-cinturao-verde/>), além de conselheira honorária da *World Future Council*.

O livro de Wangari nos coloca em contato com as raízes da cultura queniana, com a diversidade social do continente, com a exploração europeia das riquezas e territórios africanos, com a perda dos saberes tradicionais das diferentes etnias, com a subjugação e exploração feminina, com a corrupção política e financeira das populações, nos insere de forma intensa na África. A escrita autobiográfica de Wangari é pura, fluída, rica, prazerosa, intensa, verdadeira e mobilizadora. Foi a primeira mulher africana que me remeteu ao ser mulher na África, a partir daí meus sentidos estavam despertos para as mulheres africanas.

De forma interessante, a *Inabalável* mulher vai desnudando o continente e nos mostrando que a diversidade cultural nos países africanos é impressionante, e que esse belo continente tem riquezas humanas e uma história sensível e humanamente intensa. A força da mulher africana e a sua importância para a preservação ambiental e cultural fica patente, ao terminar a leitura senti o quanto cada mulher nos 54 países é *Inabalável* a cada dia que inicia sua jornada de vida!

Recentemente descobri Njinga Mbande rainha de Ndongo e Matamba, da Série UNESCO Mulheres na história de África que coloca luz sobre as mulheres na história do continente (<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002309/230931POR.pdf>)

“Njinga a Mbande (1581 - 1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a história de Angola do Século XVII. Os projetos mercantis europeus, em particular de desenvolvimento do tráfico de escravos na costa da África austral, alteram a paisagem política, social e cultural do reino do Ndongo e de toda a região. Foi neste contexto que Njinga a Mbande cresceu e se impõe como um notável exemplo de governo feminino” (UNESCO, p. 7, 2014).

O pai de Njinga, o rei Ngola Mbande Kiluanji preocupou-se com a formação cultural, política, diplomática e de pensamento estratégico para a filha que associada ao temperamento acaba por traçar um perfil de liderança inteligente, hábil, respeitosa, solidária, assistencial.

“Durante quatro décadas, a rainha do Ndongo e do Matamba opor-se-á com vigor aos projectos coloniais portugueses, tecendo estratégias, mantendo uma hábil correspondência diplomática e dirigindo ela própria muitas vezes as operações militares” (UNESCO, p. 36, 2014).

Mais uma vez, o perfil de mulher forte, solidária que pensa na coletividade, na independência cultural, financeira e política dos povos africanos.

A conservacionista, ativista e co-cineasta Joan Root, nascida no Quênia e filha de pais ingleses, tem sua vida retratada no livro *Na África Selvagem* de Mark Seal que me foi presenteado. A vinculação com a terra, com a natureza, com os povos das diferentes etnias, o lado humano da sua relação com as mulheres que acolhe e busca apoiar nas tentativas de inserção social, a opção pela vida no Lago Navaisha torna Joan uma protagonista da preservação da vida e da cultura na região do lago.

A ativista lutou pela preservação da água, dos animais selvagens, das tradições culturais e incomodou o poder econômico emergente associado ao capital explorador das riquezas naturais do Quênia. A conservacionista incomodava pela presença determinada, em ambientes considerados masculinos, e pujante a favor da vida selvagem, incomodava empresários europeus, pescadores nativos e políticos. Joan mesclava sensibilidade e força, respeito e posicionamento firme, amorosidade e determinação. Ela fez da sua propriedade no Lago Navaisha um oásis de proteção às espécies animais e vegetais e a sua resistência só foi suplantada pela força da arma, foi assassinada em 2006. A leitura do livro nos coloca mais uma vez frente à coragem e a força da mulher africana, além de ser uma viagem pela beleza do lago Navaisha.

Das terras nigerianas me deparo com o TED “*We should all be feminists*” (https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc) de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora, nomeada em 2014 como um dos 39 escritores mais importantes com idade inferior a 40 no projeto Festival Hay e Rainbow Book Club.

Na palestra a escritora retrata, com muito bom humor, simpatia, segurança e firmeza, como é ser africana e feminista, e sua visão sobre construção de gênero e sexualidade. A partir de exemplos do seu dia-a-dia ela vai demonstrando como a nossa sociedade constrói estereótipos e cerceia/rotula a expressão de gênero. E ao dizer, todos nós deveríamos ser feministas, Chimamanda chama a atenção para o fato de que ser feminista está além de ser mulher.

Em outro TED, “O Perigo das histórias únicas” (https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story) Adichie fala sobre o olhar, a pré-concepção, os riscos dos olhares e das análises de uma só voz e feição.

“Our lives, our cultures, are composed of many overlapping stories. Novelist Chimamanda Adichie tells the story of how she found her authentic cultural voice -- and warns that if we hear only a single story about another person or country, we risk a critical misunderstanding”.

A firmeza, seriedade, beleza e coragem de Chimamanda ressoam mais uma vez, a força e a construção do empoderamento social da mulher africana.

Outro livro que me mobilizou foi *Infiel*, livro autobiográfico escrito por Ayaan Hirsi Ali criada na Somália que criticou Maomé e que está condenada à morte pelo fundamentalismo islâmico. A autora se tornou famosa mundialmente pelo livro e pelo filme *Submissão*, no qual descreve a situação da mulher muçulmana. O filme foi a motivação do assassinato do cineasta Theo van Gogh, morto a tiros em Amsterdã por um marroquino que apontou Ayaan como a próxima vítima.

No livro a autora relata o cerceamento da liberdade, a opressão, a subjugação e a violência contra a mulher na cultura muçulmana. Sua trajetória de vida permiti-lhe viver em diferentes países e o exílio na Holanda contribui para uma reavaliação das crenças e costumes adotando uma posição crítica do islamismo ortodoxo.

“Infiel mostra que uma mulher decidida pode mudar muito mais do que sua própria história.»
- Christopher Hitchens, Sunday Times

Em 2005, a revista *Time* a indicou como uma das 100 pessoas mais influentes no planeta e em 2006, ganhou prêmios na Dinamarca e Suécia pelo trabalho a favor da democracia, dos direitos humanos e direitos das mulheres.

Os livros citados bem como os vídeos nos colocam frente à luta de mulheres corajosas, que olham para além de si mesmas e que buscam contribuir para uma sociedade mais livre e igualitária. Ao buscar imagens das mulheres citadas, mais uma vez, me deparei com a força do olhar, a beleza do sorriso e a expressão de determinação e confiança de quem foi capaz de superar profundas adversidades, se levantar e lutar pelo bem comum.

Relatamos aqui 4 mulheres, mas o continente africano está repleto de livros, poesias, ativismo político, filmes, documentários, histórias e mais histórias de mulheres que foram aviltadas em sua integridade física, moral, emocional e espiritual, mas que não se calaram e não se permitiram ficar entregues ao sofrimento, paralisador da trajetória evolutiva. Coragem, autossuperação e determinação, belos exemplos, mulheres Inabaláveis!!!

Patrícia Garcia Carvalho é voluntária e docente da Conscienciologia desde 1996. Bióloga. Mestre em Geografia e Análise Ambiental. Doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais. Consultora na área socioambiental. Voluntária da INTERCONS.

